

A VISÃO INCORPORADA

performance para a câmara

Exposição Internacional de Vídeo

MNAC

Curadoria: Ana Rito & Jacinto Lageira Curador Associado: Hugo Barata



A VISÃO INCORPORADA

performance para a câmara

Exposição Internacional de Vídeo

MNAC

Curadoria: Ana Rito & Jacinto Lageira Curador Associado: Hugo Barata

A VISÃO INCORPORADA - Performance para a câmara

Exposição Coletiva Internacional de Vídeo

DOSSIER DE IMPRENSA

A VISÃO INCORPORADA - Performance para a câmara

Exposição Coletiva Internacional de Vídeo

05.03.2014 – 04.05.2014

Curadores: Ana Rito e Jacinto Lageira

Curador Associado: Hugo Barata

No âmbito, e em parceria com **FESTIVAL TEMPS D'IMAGES LISBOA 2013**, o projeto expositivo *A VISÃO INCORPORADA – performance para a câmara* apresenta em Lisboa uma seleção de trabalhos de artistas nacionais e internacionais de relevo, criando uma dinâmica de apresentação que mostra ao público uma série de obras diferentes todas as semanas.

O FESTIVAL TEMPS D'IMAGES

Criado em 2002 pela ARTE e La Ferme du Buisson, Scène Nationale de Marne-la-Vallée, o festival TEMPS D'IMAGES tornou-se uma verdadeira rede europeia e transatlântica para a circulação de obras e de artistas.

Esta rede tem por objetivo coproduzir e facilitar o encontro de artistas e a divulgação das suas obras, bem como partilhar experiências e desenvolver solidariedades, sem nunca perder de vista a proposta fundadora do Festival, ou seja criar pontes inesperadas entre as artes cénicas e as artes da imagem.

Atualmente, o TEMPS D'IMAGES é constituído por um núcleo duro de nove parceiros: La Ferme de Buisson (Noisiel, França), Duplaceda (Lisboa, Portugal), Le Trafo (Budapeste, Hungria), Les Halles de Schaerbeek (Bruxelas, Bélgica), Festival Romaeuropa (Roma, Itália), Tanzhaus nrw (Düsseldorf, Alemanha), Zamek Ujazdowski (Varsóvia, Polónia), New Theatre Institute of Latvia (Riga, Letónia), Theater nº99 (Tallinn, Estónia) e ARTE (Canal Cultural Europeu).

<http://www.tempsdimages-portugal.com/home.html>

Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado

Rua Serpa Pinto, 4 - 1200-444 Lisboa, Portugal + 351 21 343 21 48 I museuchiado@mnac.dgpc.pt

<http://www.museuartecontemporanea.pt/pt/>

*O ato de documentar um evento como uma performance é o que o constitui como tal.*¹, Philip AUSLANDER

O corpo é redesenhado constante e profundamente, através das imagens que a partir dele são criadas e que de alguma forma, devolvem o reflexo, transformando-o a cada olhar. Este corpo atravessa conceitos, experiencia a teatralidade, a encenação, a coreografia, o gesto, o movimento e coloca-se em rota de colisão com qualquer tentativa de codificação mais clássica. O corpo-videográfico ou cinemático estabelece uma teia de relações que se prendem ainda com uma noção de espelho², onde conceitos como a identidade, o duplo ou a máscara são trabalhados segundo uma lógica de (des)construção. Fazendo da imagem matéria primordial de reflexão, é concebido um projeto expositivo que pretende estabelecer a sua génese operativa a partir de um enunciado que reflita sobre a presença e a ausência do corpo, observando os momentos de transição, de contacto, de suspensão, de cruzamento e de hesitação. Em *A Visão Incorporada*, é a imagem videográfica que, registando o corpo, edifica o conceito de “performance para a câmara”, não pressupondo que as ações sejam experienciadas ao vivo por um público, logo permitindo um desfazamento conceptual que auxilia a definição de um campo esquivo e entre mundos: os gestos são agora “arquivos” do corpo em trânsito. A figura, agora tornada, o *corpo da imagem* (podemos talvez considerar dois corpos unidos, o corpo enquanto figura, e o corpo próprio do vídeo ou do filme enquanto representação, “objeto”), estabelece a transmutação e a instabilidade da própria condição do *medium* das imagens em movimento – filme ou vídeo.

¹ «The act of documenting an event as a performance is what constitutes it as such», AUSLANDER, Philip, CLAUSEN, Barbara, KRICK, Nina (Ed.), *After the Act/ The (Re)Presentation of Performance Art*, MUMOK Theory 03: Verlag Moderner Kunst, 2006.

² Veja-se o vídeo, as suas questões formais, técnicas e a condição psicológica que lhe é inerente, enquanto espelho, enquanto motor de “enamoramento”, convocando o ensaio de 1976, *Vídeo: A Estética do Narcisismo*, de Rosalind Krauss, na observação e análise das performances realizadas para a câmara de Vito Acconci, Richard Serra, Nancy Holt, Lynda Benglis, Peter Campus ou Joan Jonas. Indagamos tanto a figura de Narciso, como a de Eco, condenado à repetição e à ressonância do mundo e das coisas. Aliás a repetição, a reposição, do gesto ou da ação efetiva o presente, o “aqui e agora” dessas performances, condensando, e assumindo (aparentemente o paradoxo), no campo da representação, a espessura da carne, o peso do corpo tornado imagem. Do mesmo modo Amelia Jones, em *SELF/IMAGE, Technology, Representation and the Contemporary subject*, dissecar os processos representacionais do corpo/sujeito, questionando o conceito de imagem e o “efeito ecrã” deste espelho tecnológico.

Douglas Rosenberg em *Screendance: Inscribing the Ephemeral Image* reflete em torno das relações entre a prática da dança, da performance e as novas tecnologias de representação desde o advento do cinema, apresentando uma espécie de mapa de navegação, questionando os limites de uma forma de arte iminentemente colaborativa. A efemeridade do movimento do corpo e a imagem que daí ocorre aponta para uma abordagem interdisciplinar que permite uma discussão mais ampla das questões de hibridez e mediação. A genealogia da coreografia para a câmara, que difere, na sua natureza e parâmetros definidores, do registo audiovisual ou fotográfico de um exercício ou espetáculo de dança, coloca um conjunto de questões que importa enformar. O que sucede aos corpos coreografados, agora virtuais, no processo de re-mediação³ que esta transferência, este “corpo tornado imagem” desenha? Podemos ainda falar de fisicidade associada à tecnologia no decurso desta passagem? Do mesmo modo Susan Leigh Foster, em *Choreographing Empathy* coloca a tónica no espetador, cujo corpo físico dialoga com o corpo virtual da imagem, propondo a existência de uma conexão sensorial, iminentemente cinestésica e empática. É no estudo e análise das estruturas inerentes ao filme e ao vídeo, nas suas dimensões percetivas e cognitivas, que se intui uma noção de espacialidade transformadora da postura do espetador relativamente ao espaço físico e arquitetural.

Deve debater-se, pois, a correlação de linguagens diferentes, onde as artes visuais, as artes de palco, e a herança do cinema e do filme, confluem para a nossa proposta que visa, segundo os enunciados anteriores, propor a vídeo-instalação como terreno fértil da conclusão do corpo-projetado. Discorreremos assim sobre a construção do corpo movente, e do ecrã como palco ou *lugar*.

A *VISÃO INCORPORADA* é um projeto expositivo que pretende colocar em cena um conjunto de peças videográficas que exploram noções de performance para a câmara, afastando-se de uma visão ontológica ou historicista, mas antes, aproximando obras e artistas (nacionais e estrangeiros) segundo núcleos relacionais (conectáveis e permeáveis) que alteram a cada nova semana. Em *Espelhos/Visões* propõe-se uma reflexão em torno da mecânica especular do vídeo, das suas questões formais, técnicas e da condição psicológica que lhe é inerente, enquanto espelho, enquanto motor de enamoramento; em *Pas de deux* é a coreografia para a câmara a questão central das obras apresentadas, quer na perspetiva da vídeo-dança, quer na criação de um corpo-coletivo; em *Corpus Delicti* são exploradas noções de voyeurismo ao mesmo tempo que de (des)construção do corpo e dos seus gestos; *Lessness* reúne “exercícios” de repetição, circularidade e (im)possibilidade, de um corpo em queda, de um corpo movente mas preso a uma ação sem desfecho, confinado entre paredes, atraído pelo “chão beckettiano”; *Monólogos (Processos)* considera o lugar do sujeito/fazedor na sua afinidade com o objeto (em trânsito), num jogo intermitente entre presenças e ausências, corpo e imagem; *Playground* refere-se a todo um horizonte (múltiplo) de acontecimentos onde é convocado quer o universo cinematográfico (e as suas personagens), na sua condição narrativa ou ficcional, quer a sociedade numa perspetiva mais dilatada; *Imagem-Texto* aproxima peças videográficas que manifestam uma relação mais ou menos

³ BOLTER, Jay David, GRUSIN, Richard, *Remediation: Understanding New Media*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 2000. Sobre o assunto ver também Yvonne Spielmann: *Video, The Reflexive Medium*.

expressa com a palavra, procurando a performatividade do texto na construção da imagem; *Le Grain de la voix*, concretiza aquilo que Barthes descreve como o *corpo na voz* que canta, na mão que escreve, no membro que executa, uma corporalidade/materialidade primeira que parece existir simultaneamente como ponto de partida e como ponto de chegada; *Close-up* investiga um certo afastamento daquele que olha mas, também, uma aproximação à pele e ao toque. O extremo plano-aproximado evoca uma “objetificação” fragmentada do corpo e da sua superfície.

Estão ainda previstas conversas em torno desta temática com convidados e datas a anunciar assim como o lançamento do Catálogo da Exposição.

Ana Rito & Jacinto Lageira, Lisboa e Paris, Janeiro 2014

ARTISTAS

Ana PÉREZ-QUIROGA

Ana RITO

Anthony RAMOS

Bruce NAUMAN

Bruno PACHECO

Carolee SCHNEEMAN

Gary HILL

Jemima STEHLI

João ONOFRE

João TABARRA

Joan JONAS

Johanna BILLING

Julião SARMENTO

Marina ABRAMOVIC

Merce CUNNIGHAM

Mónica DE MIRANDA

Nuno SOUSA VIEIRA

Vasco ARAÚJO

Vera MANTERO

Vito ACCONCI



Da esquerda para a direita: **Julião Sarmento**, Parasite, 2003, vídeo, p/b, som, 13' 51", Cortesia Galeria Cristina Guerra Contemporary Art e Juliao Sarmento Studio, **João Onofre**, Untitled, 1999, vídeo, cor, som, 3" loop (4:3), SDV, 190x210cm, Cortesia Cristina Guerra Contemporary Art, **Johanna Billing**, I'm lost without your rhythm, 2009, vídeo, DVD, cor, som, 13'29", Cortesia da artista.

PROGRAMA SEMANAL

5-9 MARÇO

ESPELHOS/VISÕES

Vito Acconci

Centers, 1971, p/b, som, 22' 28"

Cortesia de Electronic Arts Intermix

Anthony Ramos

Balloon Nose Blow-Up, 1972, p/b, som, 11' 18"

Cortesia de Electronic Arts Intermix

Joan Jonas

Left Side Right Side, 1972, p/b, som, 8' 50"

Cortesia de Electronic Arts Intermix

Gary Hill

Solstice d'hiver, 1993, vídeo (HI8/DVD), cor, som, 60'

Cortesia Galeria IN SITU - Paris/Fabienne Leclerc e do artista

11-16 MARÇO

CORPUS DELICTI

Julião Sarmento

Parasite, 2003, vídeo, p/b, som, 13' 51"

Cortesia Galeria Cristina Guerra Contemporary Art e do artista

Carolee Schneemann

Up to and Including her limits, 1976, vídeo, cor, som, 29'

Cortesia de Electronic Arts Intermix

Jemima Stehli

Photo Performance nº 30, with Larry Bell sculpture and artist Lewis Amar, 2005, vídeo, cor, som, 41'

Cortesia Fundação de Arte Moderna e Contemporânea – Museu Coleção Berardo

Marina Abramovic

Dragon Head 6, 1989, DVD, NTSC, cor, sem som, 29' 57", 2/5,

Cortesia Coleção Sarmento e da artista

18-23 MARÇO

LESSNESS

João Onofre

Untitled, 1999, vídeo (SDV), cor, som, 3"

Cortesia Cristina Guerra Contemporary Art

João Onofre

Untitled (We will never be boring), 1997, vídeo (SDV), cor, s/som, 60'

Cortesia Cristina Guerra Contemporary Art

Bruce Nauman

Slow Angle Walk, 1968, vídeo, p/b, som, 60'

Cortesia de Electronic Arts Intermix

Ana Pérez-Quiroga

Inventário - Diário #1 Phales, 2009, vídeo, cor, som, 3'

Cortesia Museu Nacional de Arte Contemporânea

25-30 MARÇO

MONÓLOGOS (PROCESSOS)

Gary Hill

Mediations (towards a remake of Soundings), 1979/86, video (U-matic), cor, som

Cortesia Galeria IN SITU - Paris/Fabienne Leclerc e do artista

Nuno Sousa Vieira

Razão nº1, 2011, Estrutura de mesa em madeira de faia, tampo de MDF pintado a acrílico, vidros, primeiro livro razão da Fábrica de Plásticos Simala, fotocópias em papel A4, 140x200x150 cm, vídeo transferido para vídeo

(DVD), cor e som 8'10'', Impressão a jato de tinta sobre papel de algodão 20x16,6 cm

Cortesia Galeria Graça Brandão e do artista

Nuno Sousa Vieira

Sight without Eyesight, 2008, video (DVD), cor, s/som, 32'02''

Cortesia Galeria Graça Brandão e do artista

1 - 6 ABRIL

PLAYGROUND

João Tabarra

O encantador de serpentes, 2007, vídeo (HD), cor, s/som, 5' 10'', loop

Cortesia Coleção António Cachola e do artista, em depósito no MNAC-MC

João Tabarra

Pose/Maquillage/Pose 2, 2004, vídeo, cor, s/som, 8' 55'', loop

Cortesia Galeria Filomena Soares e do artista

João Onofre

Untitled (Masked tap dancer), 2005, vídeo (SDV), cor, som, 11' 53''

Cortesia Coleção António Cachola, em depósito no MNAC-MC

Bruno Pacheco

Self-portrait smoking a cigar without the aid of the hands, 2002, video, cor, s/som, 15'40''

Cortesia Coleção António Cachola, em depósito no MNAC-MC

Mónica de Miranda

Biting nations, 2006, vídeo (HD), cor, som, 23' 25''

Cortesia Museu Nacional de Arte Contemporânea

8-13 ABRIL

PAS DE DEUX

Merce Cunningham e Charles Atlas

Merce by Merce by Paik: Part One: Blue Studio, 1975-76, video, cor, som, 15'38"

Cortesia de Electronic Arts Intermix

Johanna Billing

I'm lost without your rhythm, 2009, vídeo (DVD), cor, som, 13'29"

Cortesia da artista

Johanna Billing

Graduate Show, 1999, vídeo (Beta/DVD), cor, som, 3'20"

Cortesia da artista

15-20 ABRIL

IMAGEM-TEXTO

Vera Mantero

Curso de Silêncio de Miguel Gonçalves Mendes e Vera Mantero/Versão de Vera Mantero, 2007/2008,
vídeo (DVD), cor, som, 45'

Cortesia O Rumor do Fumo e da artista

Ana Rito

Poème-acte, 2012-2013, filme 8mm transcrito para vídeo (DVD, PAL), s/som, p/b, 2'

Cortesia Coleção António Cachola

Ana Rito

AKTION, 2010, filme 8mm transcrito para vídeo (DVD, PAL), s/som, p/b, 2'55"

Cortesia Coleção António Cachola, em depósito no MNAC-MC

Gary Hill

Goats and sheep, 1995/2001, video (DVD), p/b, som, 11' 50"

Cortesia Galeria IN SITU - Paris/Fabienne Leclerc e do artista

22-27 ABRIL

LE GRAIN DE LA VOIX

Vasco Araújo

Far de Donna, 2005, vídeo, cor, som, 10'45"

Cortesia Coleção António Cachola, em depósito no MNAC-MC

29 ABRIL-4 MAIO

CLOSE-UP

Julião Sarmiento

Faces, 1976, filme 8mm transferido para vídeo (DVD), cor, s/som, 44' 22"

Cortesia Galeria Cristina Guerra Contemporary Art e Julião Sarmiento Studio

Nota: programa sujeito a alterações.

SINOPSES

ANA PÉREZ-QUIROGA

Inventário - Diário #1 Phales, 2009, vídeo, cor, som, 3'

Cortesia Museu Nacional de Arte Contemporânea

Inventário-Diário#1 Cair a seus pés / Inventory-Diary#1 To fall to one's knees, 2009, parte de uma fascinação que sempre tive em descer um poste de bombeiros. Esta peça faz parte de um conjunto-Inventário de trabalhos-diários que se referem a assuntos que me interessam particularmente e que de alguma forma são materializados em pequenas intervenções pontuais. Interessou-me por outro lado, explorar a cultura clássica onde Os Gregos não só puseram o Falo no centro do mundo (Delfos), como pensaram que o mundo dos homens e das mulheres (cf. a Comédia) girava em torno do símbolo divino da virilidade e fertilidade (Phales). (APQ)

ANA RITO

Poème-acte, 2012-2013, filme 8mm transcrito para DVD, PAL, s/som, p/b, 2'

Cortesia Coleção António Cachola, em depósito no MNAC-MC

Em *POÈME-ACTE*, os gestos são agora “repositórios” de dois corpos em trânsito que, na sua errância, efetivam o poema. A performatividade inerente aos textos de Maria Gabriela Llansol coloca-a no eixo central de um projeto que partiu da palavra e da sua tradução corpórea e sensitiva. Apesar de se identificarem alguns elementos tradicionais da narrativa, as suas obras apresentam-se como um conjunto de pequenos quadros de pensamentos, aqui tornados visíveis. Os “peregrinos do texto”, figuras hóspedes de um lugar vibrante e desconhecido, suspensas pelas suas próprias paixões, emoções e silêncios surgem neste filme como “fazedores de poemas”, num gesto contínuo, circular, onde páginas em branco (espaços deixados vazios), povoam um extenso areal, efetivando-se na iminência do seu (des)aparecimento, tendo as ondas do mar como constante desafio.

ANA RITO (1978)

AKTION, 2010, filme 8mm transcrito para DVD, PAL, s/som, p/b, 2'55"

Cortesia Coleção António Cachola, em depósito no MNAC-MC

AKTION surge como uma espécie de imagem de arquivo que confronta o espectador com uma ação contínua, sem clímax. Assistimos a um registo de uma performance que coloca em cena dois corpos que experienciam as suas próprias convulsões e contracturas.

ANTHONY RAMOS

Balloon Nose Blow-Up, 1972, p/b, som, 11' 18"

Cortesia de Electronic Arts Intermix

Com uma impressionante economia de meios, Ramos encena uma ação em close-up: o artista enche um balão com a sua narina até que este rebenta na sua cara. De seguida, repete a ação com a outra narina. Alternando narinas, Ramos continua a encher o balão até que estoure. Com cada repetição, a sua exaustão aumenta visivelmente; fica ofegante, quase a ponto de desmaiar. (EAI)

BRUCE NAUMAN

Slow Angle Walk (Beckett Walk), 1968, p/b, som, 60'

Cortesia de Electronic Arts Intermix

Em câmara fixa, mas deslocada no seu eixo e alterando o ângulo de gravação, vemos Nauman repetindo durante quase uma hora uma sequência laboriosa de movimentos corporais inspirados em passagens de obras de Samuel Beckett, obras essas que descrevem também atividades de forma repetitiva e aparentemente sem nexos. Com as mãos cruzadas atrás das costas, o artista lança uma perna para cima num ângulo reto ao seu corpo, gira quarenta e cinco graus, cai para a frente dura e estrondosamente, estende a perna de trás novamente num ângulo reto para trás, e começa a sequência novamente. Ocasionalmente Nauman anda completamente fora do enquadramento enquanto o som dos seus passos continua presente na imagem. (EAI)

BRUNO PACHECO

Self-portrait smoking a cigar without the aid of the hands, 2002, video, cor, s/som, 15'40"

Cortesia Coleção António Cachola, em depósito no MNAC-MC

Esta obra pertence a um conjunto de vídeos que parodiam o género do autorretrato, explorando a condição existencial do artista. Apresentam-se por norma como vídeos sem grandes efeitos ou truques espetaculares, despidos de psicologia, nos quais o artista executa atos absurdos ou mesmo bizarros. Self-Portrait Smoking a Cigar Without the Aid of the Hands mostra um enquadramento de plano aproximado, com uma duração média-longa. Vemos o artista a fumar um charuto sem o auxílio das mãos e, durante o decorrer da peça, assistimos conseqüentemente às transformações das suas expressões faciais. O cliché do artista seguro de si próprio, desfrutando dos prazeres da vida, é gradualmente destruído pelo esforço (e pelas lágrimas) aparente de fumar um charuto inteiro, durante mais de quinze minutos. O título desta peça, e o seu "vazio" interpretativo (assim como das outras na mesma lógica), é parte integrante de uma desconstrução da noção de autorretrato.

CAROLEE SCHNEEMANN

Up to and Including her limits, 1976, cor, som, 29'

Cortesia de Electronic Arts Intermix

Up To and Including Her Limits expande os princípios da *action painting* de Jackson Pollock. Neste trabalho Schneemann está suspensa a partir de um arnês e uma corda, nua, e está a desenhar; o seu corpo em movimento torna-se uma medida de concentração, os movimentos contínuos e variáveis do

seu desenho com a mão estendida cria uma densa rede de traços e de marcas. Este vídeo captura a concentração e intensidade crua da presença e da utilização do próprio corpo de Schneemann. A peça foi editada por Schneemann em 1984 a partir de imagens de vídeo de seis performances: the Berkeley Museum, 1974; London Filmmaker's Cooperative, 1974; Artists Space, Nova Iorque, 1974; Anthology Film Archives, Nova Iorque, 1974; The Kitchen, Nova Iorque, 1976; e Studio Galerie, Berlim, 1976. (EAI)

GARY HILL

Solstice d'hiver, 1993, vídeo, cor, som, DVD, HI8, 60'

Cortesia Galeria IN SITU - Paris/Fabienne Leclerc e o artista

Solstice d'hiver (Solstício de Inverno) foi encomendado pela rede de televisão francesa La Sept para uma série intitulada "Ao Vivo", um projeto internacional para o qual vários artistas foram convidados a produzir trabalhos com uma hora de duração, utilizando câmaras de vídeo. O seu desafio era criar obras em tempo real, sem edição. Em resposta, Hill criou uma peça sobre a observação, voltando uma câmara "objetiva" para a sua vida quotidiana e para o seu ambiente imediato. Filmado totalmente num interior doméstico, Hill documenta, em tempo real, os objetos, espaços e gestos do quotidiano. Apesar da intrusão da câmara nesta esfera privada, o foco de Hill está na ausência e solidão - a fita desenrola-se sem qualquer linguagem ou interação. Em última análise, a narrativa de Hill utiliza os atos da gravação e da consequente visualização para descrever um espaço interior metafórico. Música: Alvin Lucier: "I am Sitting in a Room." (EAI)

GARY HILL

Mediations (towards a remake of Soundings), 1979/86, video, cor, som, U-matic

Cortesia Galeria IN SITU - Paris/Fabienne Leclerc e o artista

O início de um remake de um trabalho anterior [1979] *Soundings*, no qual eu queria expandir a reflexividade de cada texto em relação à interação entre diferentes substâncias físicas - neste caso, areia – e o cone do *speaker*. Esse *speaker* preenche o enquadramento e eu começo a falar, referindo-me ao próprio *speaker*. Isto é seguido de mais declarações acerca daquilo de que estou a fazer, por exemplo "...uma mão entra em cena ...". Neste momento uma mão cheia de areia entra no enquadramento e lentamente liberta-o em cima do *speaker*. Cada *nuance* do discurso faz vibrar o cone do *speaker* (ou membrana), causando que os grãos de areia balancem no ar. Quanto mais eu falo sobre o que está a acontecer na imagem, mais esta muda altera o movimento e os padrões da areia. Às vezes, o grão da voz aparentemente como que se “funde” com o que é experienciado como “areia” na imagem. A mão permite que mais e mais areia escorra para o *speaker* até que o cone deixa de ser visível. O timbre da

voz crepita e é radicalmente abafado. Quando o speaker está completamente enterrado, a voz soa distante, mas notavelmente clara. (Gary Hill)

GARY HILL

Goats and sheep, 1995/2001, Video, DVD, p/b, som, 11' 50''

Cortesia Galeria IN SITU - Paris/Fabienne Leclerc e do artista

Esta obra foi criada para a versão de edição limitada de Gary Hill: *Around & About: a Performative View* (Paris: Éditions du Regard, 2001), edição de 100 mais 20 provas de artista. Utiliza o material de origem da instalação *Withershins* de 1995, que consiste em duas visualizações simultâneas de uma pessoa a fazer língua gestual: as mãos e os braços são enquadrados numa das projeções, e a parte de trás da cabeça e parte superior dos ombros na outra. Este último ponto de vista capta as mãos quando se referem à cabeça durante os gestos realizados. Para *Goats and Sheep*, Hill mudou a imagem a cores original para preto-e-branco, regravou a sua própria voz e "ressincronizou-a" para a língua gestual.

JEMIMA STEHLI

Photo Performance nº 30, with Larry Bell sculpture and artist Lewis Amar, 2005, video, cor, som, 41'

Cortesia Fundação de Arte Moderna e Contemporânea – Museu Coleção Berardo

Em *Photo Performance nº30, with Larry Bell sculpture and artist Lewis Amar*, 2005, registada em vídeo e em fotografia, a artista concebe um conjunto de ações e movimentos, conjuntamente com Lewis Amar e em diálogo com uma escultura de Larry Bell, *Untitled (horizontal gradient)*, de 1995. Numa complicada “negociação” de responsabilidades, Stehli instruiu Amar para que a colocasse em posição para a fotografia que a própria tira com o cabo de disparo que segura na boca. Os diálogos físicos que a artista estabelece com a escultura e com o espaço, dilatam e adensam as suas propostas conceptuais. As relações entre sujeito-objeto, entre atividade e passividade, vulnerabilidade e poder, caracterizam a obra de Jemima Stehli que coloca a figura do *voyeur* (nós) no centro da equação.

JOÃO ONOFRE

Untitled, 1999, vídeo, cor, som, 3'' loop (4:3), SDV, 190x210cm

Cortesia Cristina Guerra Contemporary Art

Dois *performers* executam uma volta de 180° no ar e caem de costas.

JOÃO ONOFRE

Untitled (We will never be boring), 1997, video, cor, s/som, 60' (4:3), SDV, 233x308cm

Cortesia Cristina Guerra Contemporary Art

Dois *performers* formalmente vestidos andam, virados um para o outro e em separado, a duração de uma cassette de vídeo – uma hora.

JOÃO ONOFRE

Untitled (Masked tap dancer), 2005, video, cor, som, 11' 53", SDV, 227x303

Cortesia Coleção António Cachola, em depósito no MNAC-MC

Um bailarino de sapateado troca entre o autocarro e o metropolitano, no coração de Lisboa, usando uma máscara de zombie, sapateando todo o percurso.

O encantador de serpentes, 2007, vídeo, HD, cor, s/som, 5' 10", loop

Cortesia Coleção António Cachola, em depósito no MNAC-MC e do artista

O Encantador de Serpentes (2007) é um vídeo de João Tabarra que expõe a dificuldade de um homem (personagem?) num estaleiro de obras nos subúrbios, em controlar uma enorme mangueira devido à impetuosidade do fluxo de saída da água. Este objeto/entidade que urge encantar ou, pelo menos, tentar arrebatar de surpresa e com ousadia, surge num cenário onde o drama e a comédia se cruzam ao jeito de Buster Keaton.

JOÃO TABARRA

Pose/Maquillage/Pose 2, 2004, vídeo, cor, s/som, 8' 55", loop

Cortesia da Galeria Filomena Soares e do artista

Quando em 2003 o presidente norte-americano George W. Bush se prepara para declarar guerra ao Iraque num canal televisivo, as câmaras captam os momentos que antecedem a sua entrada “em cena”, sendo desvelado ao espectador todo o processo de construção do “personagem”: a maquilhagem, o estudar da pose, os instantes de relaxamento. João Tabarra filma (apropriando-se) estas imagens diretamente do ecrã da televisão, ampliando os jogos e as distâncias percetivas, ao mesmo tempo que reflete sobre uma noção de “performance para a câmara”.

JOAN JONAS

Left Side Right Side, 1972, p/b, som, 8' 50"

Cortesia de Electronic Arts Intermix

Neste trabalho inicial, Jonas traduz as estratégias de performance para o vídeo, aplicando as propriedades inerentes e específicas deste meio às suas investigações do “Eu” e do corpo. A artista atua num confronto direto, mano-a-mano, com o espectador, utilizando o imediatismo e a intimidade do vídeo como arquiteturas conceptuais. Explorando o vídeo tanto como espelho como um dispositivo de disfarce, e utilizando o seu próprio corpo como um objeto artístico, Jonas compromete-se a um exame de si mesma e da sua identidade, subjetividade e “objetividade”. Criando uma série de inversões, ela divide a sua imagem, divide o ecrã do vídeo, e divide também a sua identificação dentro do espaço do vídeo, jogando com a ambiguidade espacial das imagens “não invertidas” (vídeo) e das “imagens invertidas” (espelhos). Embora a abordagem de Joan Jonas possa ser considerada formalista e por vezes redutora, o seu desempenho revela uma teatralidade irónica. (EAI)

JOHANNA BILLING

I'm lost without your rhythm, 2009, video, DVD, cor, som, 13'29"

Cortesia da artista

I'm Lost Without Your Rhythm é baseado na gravação de um workshop de coreografia ao vivo envolvendo bailarinos romenos amadores, e estudantes de teatro em *Periferic*, 8^a Bienal de Arte Contemporânea de Iasi, na Roménia, em 2008. Liderada pelo coreógrafo sueco de renome Anna Vnuk, com quem Billing trabalhou pela última vez há uma década, não existe uma performance/coreografia enquanto como tal: o vídeo resultante percorre vários dias de atividade de um processo contínuo de improvisação ao vivo entre coreógrafo, bailarinos e músicos locais, que podiam ser vistos por um público que estava livre para entrar e sair. O projeto foi uma tentativa de explorar, juntamente com os indivíduos participantes e com o público, o que a coreografia contemporânea pode ser, ou o que significa hoje, especialmente no contexto cultural da pequena cidade de Iasi, onde há poucas oportunidades para entrar no campo da dança contemporânea. Num piscar de olho a coreógrafos e artistas como Yvonne Rainer e as suas investigações em torno dos movimentos quotidianos, Billing explora o sentido de ter um corpo e como “performatizamos” o nosso ser. Prestando atenção aos pequenos detalhes, Billing sublinha a mente no “corpo social” - o corpo entre outros, o corpo consciente de si mesmo. A banda sonora do trabalho é uma combinação de música ao vivo improvisada, realizada no evento em Iasi, e uma interpretação especialmente gravada da música “My Heart”

(originalmente escrita e tocada pelo duo de vocalistas e bateria Wildbirds & Peacedrums, em 2009). A música é, talvez, uma homenagem ao batimento do coração, mas neste novo contexto de um país pós-totalitário lutando para encontrar novas formas de relacionamento do indivíduo com a sociedade, é também um lamento ambíguo para os ritmos perdidos de uma ordem social desaparecida. É tudo mais otimista do que possa parecer, embora Billing trate os seus assuntos com um calor sem reservas e com

ternura; a artista está interessada no desempenho como uma experiência e o potencial que tem para a partilha e para a aprendizagem, e não como uma perfeição elaborada. O vídeo foi criado através de um longo processo de pós-produção e edição, em que os movimentos dos dançarinos, as atividades que ocorrem ao seu redor e o ritmo da música são reconstruídos numa nova coreografia - talvez mais perto das lutas quotidianas e dos obstáculos que nos cercam daquilo que pode ser imaginado - inclusive galgando as estruturas institucionais e correndo através dos corredores hierárquicos.

JOHANNA BILLING

Graduate Show, 1999, video, Beta/DVD, cor, som, 3'20''

Cortesia da artista

Para o seu projeto de fim de curso Billing convidou os seus colegas estudantes das diversas disciplinas da Universidade Konstfack, Faculdade de Artes Decorativas e Design, para que tivessem aulas de dança durante a Primavera de 1999, com a coreógrafa Anna Vnuk. No resultado final do filme que lida com a aprendizagem e com a experiência de ser, a aura pedagógica da escola de arte é lançada contra o mais voraz e aspirante desejo que se pode encontrar num *show* de talentos. Vemos os alunos a correr pelos corredores e escadas do seu departamento respetivo para chegar ao auditório da escola para executar uma coreografia ensaiada ao som de *Moody* (1981), por ESG.

Um filme de Johanna Billing, Co-Realizado por Henry Moore Selder, Direção de Fotografia de Manne Lindwall, Coreografia de Anna Vnuk, realizado por alunos de pós-graduação da Konstfack, University College of Arts, Crafts and Design 1999.

JULIÃO SARMENTO

Parasite, 2003, vídeo, p/b, som, 13' 51''

Cortesia Galeria Cristina Guerra Contemporary Art e do artista

A câmara, a preto-e-branco, capta o corpo de uma mulher no estúdio do artista. Música começa a tocar, correspondendo à peça de Prokofiev, "Romeu e Julieta", ao mesmo tempo que a mulher começa a tirar a roupa. Os seus movimentos bem ensaiados e controlados parecem acompanhar o poder da música, à medida que se move pelo espaço. Às vezes ela olha para a câmara, outras vezes desvia o seu olhar, como um desafio ao observador. Depois de desabotoar a blusa e de curvar a cabeça, o seu cabelo parece

desafiar a força da gravidade, e é nesse momento que nos damos conta de que o exercício de tirar a roupa corresponde ao processo inverso, já que a mulher está verdadeiramente a colocar a roupa sendo que o artista nos apresenta toda a sequência de trás para frente. A nossa consciência disso mesmo é perturbadora: o sentimento ilícito de observarmos a mulher a despir-se transforma-se no exercício frustrante do seu contrário, já que esta se está a vestir.

JULIÃO SARMENTO

Faces, 1976, filme 8mm transferido para DVD, cor, sem som, 44' 22''

Cortesia Galeria Cristina Guerra Contemporary Art e do artista

Os filmes de Julião Sarmento da década de setenta são fortemente influenciados pela estrutura formal dos filmes iniciais de Andy Warhol. O filme Faces agrega aspetos formais muito importantes presentes em duas das obras iniciais de Warhol: Blowjob e Beijo (ambos de 1963). No início do filme vemos a cabeça das modelos enquadradas na zona inferior do ecrã, com os seus cabelos algo despenteados e misturando-se continuamente, movendo-se suavemente à medida que as suas faces se tocam para lá do emaranhado de cabelo (pelo menos assim supomos). O filme alterna de um enquadramento do cabelo das mulheres para um enquadramento das suas bocas, nariz e queixo, enquanto se beijam, desvelando o suposto ato que estava impossibilitado de ser vislumbrado anteriormente. Seguidamente, um longo beijo ocupa praticamente toda a duração do filme em plano sequência, até que o batom das duas mulheres se esborrata, sujando-as no queixo e nas maçãs do rosto. A impassividade do plano fixo e da sua estrutura, caracteriza Faces como um trabalho que investiga um certo afastamento daquele que olha mas, também, uma aproximação quase pornográfica à pele e ao toque. O extremo plano-aproximado evoca uma “objetificação” fragmentada do corpo e da sua superfície sensual e quase tátil. O elemento mais presente neste momento talvez seja a língua das duas personagens. Interligada a conceitos de comunicação, linguagem e discurso, a língua surge aqui como um constituinte com vida própria, que investiga a pele do outro e que percorre o corpo do outro como se uma serpente se tratasse.

MARINA ABRAMOVIC

Dragon Head 6, 1989, DVD, NTSC, cor, sem som, 29' 57'', 2/5, Dimensões variáveis

Cortesia Coleção Sarmento e da artista

As performances que pertencem à série Dragon Heads foram as primeiras que Marina Abramovic realizou após a sua separação de Ulay no final da conhecida obra The Lovers: The Great Wall Walk, na qual os dois artistas caminham a partir das extremidades da Grande Muralha da China para se despedir

no meio. De facto, a série consiste realmente na mesma performance realizada diversas vezes em vários locais entre 1990 e 1994, com pequenas variações. Em todas as versões, Abramovic senta-se imóvel com uma serpente deslizando em torno do seu corpo. De acordo com a artista, o ponto de partida para este trabalho foi a seguinte observação: «As serpentes conseguem seguir a energia do planeta, onde quer que as coloquemos». Assim, as serpentes nas performances realmente nunca entram em contacto com o público, já que não conseguem deslizar sobre o gelo, que cercava Abramovic e as ditas serpentes. Estas seguiam as linhas de calor e energia na cabeça e no corpo da artista. Os sete canais da instalação da Abramovic Dragon Heads, de 1990, são reposições realizadas em estúdio baseadas nas performances, e são todas semelhantes no facto de a artista utilizar uma coroa de grandes serpentes na cabeça em cada uma delas. Cada monitor mostra um plano aproximado da artista, que se apresenta quase inexpressiva enquanto as serpentes deslizam lentamente em redor do rosto e do pescoço. A mesma sequência repete-se algumas vezes, editada a partir de um suave *dissolve*. Na *soundtrack* de Dragon Head No.2, uma *voive-over* de Abramovic hipnoticamente repete «segue a minha pele, segue as as minhas energias, segue a pele da terra, segue a pele do cristal... o calor da minha pele, no profundo centro do meu ser...». Em Dragon Head No.4, a contração dos músculos das serpentes é facilmente notado quando o rosto de Abramovic é empurrado e distorcido pelos seus movimentos. O seu lábio é puxado enquanto a serpente encontra o seu sinuoso caminho em volta do pescoço da artista, dando a sensação de sufocação iminente. Como o trabalho se refere claramente ao tema da Medusa, assim como ao simbolismo mitológico ligado à Grande Muralha da China, as serpentes são, em geral, um tema recorrente na obra de Marina Abramovic. Na performance Three (1978), Abramovic e Ulay deitam-se no chão, emitindo sons a partir de uma garrafa para atrair serpentes que vagueiam e que são livres de os abordar. O perigo iminente que emana da presença das serpentes é o que parece motivar parte do fascínio de Abramovic para com estes animais, perspetivando este tipo de trabalho no contexto das performances anteriores que jogam com o medo dos participantes. Dragon Head No.1, Dragon Head No.2 e Dragon Head No.4, também fazem parte da instalação de 16 canais "Video Portrait Gallery". (Abramovic 1975-2002).

MERCE CUNNINGHAM (com CHARLES ATLAS)

Merce by Merce by Paik: Part One: Blue Studio, 1975-76, video, cor, som, 15'38"

Cortesia de Electronic Arts Intermix

Merce by Merce by Paik Part One: Blue Studio: Five Segments é um trabalho inovador de videodança criado pelo mestre pós-moderno Merce Cunningham e o seu então cineasta-residente, Charles Atlas. Numa série de pequenas peças coreografadas e realizadas especificamente para o meio do vídeo, Cunningham é multiplicado, sobreposto e transportado a partir do estúdio para uma série de paisagens

inesperadas. A dança gestual de Cunningham é manipulada a par do acompanhamento de uma edição de áudio disjuntiva que inclui as vozes de John Cage e Jasper Johns.(EAI)

MÓNICA DE MIRANDA

Biting nations, 2006, vídeo, HD, cor, som, 23' 25''

Cortesia Museu Nacional de Arte Contemporânea

Este vídeo foi produzido em colaboração com Luna Montenegro, Lisa Bradley e Arantxa Johnson e questiona a rigidez das identidades nacionais, investigando as múltiplas noções de pertença geográfica. Através de uma performance, a artista rói unhas falsas pintadas com as cores de várias bandeiras com as quais se sente cultural ou pessoalmente relacionada, criando uma sensação perturbadora no espectador. Questiona a forma como as identidades da diáspora podem ser definidas através de várias

nações e entre culturas distantes. Este trabalho aborda também o impacto da emigração na criação de um conceito de hibridismo cultural. Através deste contemporâneo processo de hibridação cultural, as velhas certezas e hierarquias sobre a identidade nacional são erodidas e colocadas em questão num mundo em que as fronteiras se dissolvem e quebram continuidades. (M.M)

NUNO SOUSA VIEIRA

Razão nº1, 2011, Estrutura de mesa em madeira de faia, tampo de MDF pintado a acrílico, vidros, primeiro livro razão da Fábrica de Plásticos Simala, fotocópias em papel A4, 140x200x150 cm, vídeo transferido para DVD, cor e som 8'10'', Impressão a jato de tinta sobre papel de algodão 20x16,6 cm./

Cortesia Galeria Graça Brandão e do artista *Razão nº1* é uma obra que só se encontra completa quando contém duas outras obras (*1960-2011*) e (*2001-*). A peça fotográfica (*2001-*) é uma obra que documenta o outro lado do resultado de uma ação de emparedamento da porta principal do meu ateliê. A peça (*1960-2011*) é um vídeo dessa ação de emparedamento. Na montagem do vídeo, sempre que o trabalho entra em cena e sempre que a sua presença na execução do seu labor é captado pelo campo da imagem, o vídeo é cortado, o que resulta no enfatizar da ação e do fazer através do resultado, dispensando o fazer em si mesmo. Em suma, (*1960-2011*) atua criticamente numa sociedade que valoriza a coisa feita em detrimento do fazer e do fazedor. (NSV)

NUNO SOUSA VIEIRA

Sight without Eyesight, 2008, video, DVD, cor, s/som, 32'02"/vídeo, DVD, color, silent, 32'02"

Cortesia Galeria Graça Brandão e do artista

Sight without eyesight é um vídeo que resulta da reposição de uma peça de natureza escultórica, no lugar que foi ocupado pela matéria-prima que a constitui, a porta da entrada principal do meu ateliê. No verão de 2008, devido a um processo de legalização das antigas instalações da Fábrica de Plásticos Simala, a porta principal teve que ser retirada e substituída por outra que obedecesse às novas regras de segurança, tendo que passar a abrir para fora para, no caso de um incidente, ser um elemento facilitador da saída dos trabalhadores da fábrica. É de salientar que, desde 1999 esta estrutura foi desmantelada e àquela data eu era o seu único utilizador. A porta, em perfeito estado de conservação e de funcionalidade, foi substituída por uma outra e deixada para trás ao seu devir. O que fiz foi realizar uma intervenção naquela porta que produziu uma nova abertura e que a transformou num objeto que enfatiza as suas qualidades estéticas em detrimento das funcionais que, em todo o caso, continuam presentes. Este objeto foi recolocado, temporariamente no seu lugar original, a porta foi fechada e eu, saí apressadamente, não pela porta, mas pela brecha que a minha intervenção produziu nela. O vídeo *Sight without eyesight* foi filmado por duas câmaras, resultando da justaposição destas duas captações, uma de frente e outra de costas face a um mesmo plano, o que para além de um movimento de aproximação e de afastamento de mim mesmo, produziu também uma visão global e total, sem que a presença de algo vaticinasse, com a sua massa, o apagamento de qualquer outra coisa. (NSV)

VASCO ARAÚJO

Far de Donna, 2005, vídeo, cor, som, 10'45"

Cortesia Coleção António Cachola, em depósito no MNAC-MC

Far de Donna, Fazer de Mulher, é baseado na história de um rapaz que descobre a sua voz de contratenor (castrati) no dia em que a sua mãe perdeu a sua própria voz. A peça é então sobre as relações edipianas entre mães e filhos, que em grande parte dos casos ninguém morre mas algo fica afetado no ser interno de cada um.

Vídeo

Texto: Maria da Graça Queirós

Personagens: Pedro Cardoso, Lúcia Lemos, Alexandra Torrens.

Duração/ Duration: 10'45"

Dimensões Variáveis

VERA MANTERO

Curso de Silêncio de Miguel Gonçalves Mendes e Vera Mantero/ Versão de Vera Mantero, 2007/2008, vídeo, DVD, cor, som, 45'

Cortesia O Rumor do Fumo e da artista

Vera Mantero e Miguel Gonçalves Mendes foram convidados pelo Festival Temps d'Images, em coprodução com o Circular-Festival de Artes Performativas, a apresentar uma criação conjunta na qual se cruzassem as suas áreas de criação artística – a dança e o cinema. Deste convite surgem 'Curso de Silêncio', dois filmes (a montagem de cada um dos filmes corresponde à visão pessoal de cada um destes criadores) baseados no universo imagético de Maria Gabriela Llansol. Para a construção do guião destes filmes partiu-se de diferentes livros e entrevistas da autora que permitiram não só abordar a sua obra de uma forma transversal como também trabalhar uma das ideias centrais da autora, as chamadas “cenar fulgor”, imagens nucleares em que a temporalidade ou a espacialidade são inexistentes e cujo “encadeamento” segue um desígnio que escapa ao leitor (leia-se espectador), impossibilitando assim a sua classificação. (O Rumor do Fumo)

VITO ACCONCI

Centers, 1971, p/b, som, 22' 28"

Cortesia de Electronic Arts Intermix

Na obra Centers, Acconci enfrenta a câmara, com a cabeça e o braço em plano aproximado enquanto aponta para a frente para a sua própria imagem no monitor de vídeo, na tentativa de manter o dedo focado no centro exato do ecrã. Ao apontar para a imagem de si mesmo, Acconci também está a apontar diretamente para o espectador - uma ação que é paradigmática da dinâmica psicológica do seu trabalho em vídeo. À medida que o filme avança numa filmagem em “tempo real”, as únicas alterações na ação são pequenos ajustes na posição do dedo quando a sua resistência vacila. Acconci escreveu: «O resultado (imagem da TV) transforma a atividade: um apontar para longe de mim mesmo, para um observador exterior - amplio a minha atenção para os espectadores transeuntes (e olho para fora, olhando diretamente para dentro)» (EAI)

BIOGRAFIAS**ANA PÉREZ-QUIROGA (1960)**

Nasceu em Coimbra, Portugal. Vive e trabalha entre Lisboa e Shangai. É licenciada em Escultura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, tendo efetuado outros cursos: Curso Avançado de Artes Visuais do Ar.Co, Lisboa e o Mestrado em Artes Visuais e Intermédia na Universidade de Évora. Atualmente frequenta o 3º ano do Doutoramento em Artes na Universidade de Coimbra, como bolseira da Fundação para a Ciência e Tecnologia. Trabalha essencialmente com instalação e fotografia e os temas do seu trabalho vão desde a crítica institucional a um universo mais pessoal e íntimo de referências. Tem exposto regularmente desde 1999 em significativas exposições coletivas e individuais com especial destaque, respetivamente, para: *Comer o no Comer*, (Salamanca Art Centre, Spain, 2002), *Made in Shanghai* (MoCA – Museum of Contemporary Art, Shanghai, 2008), *Arte Portuguesa do Século XX: 1960 – 2010* (MNAC– Museu do Chiado, Lisboa, 2012) e *O assalto ao Castelo em 3 atos* (Paço dos Duques de Guimarães, Guimarães, 2012). (www.anaperezquirolga.com)

ANA RITO (1978)

Desenvolve a sua atividade entre a prática artística, a investigação e a curadoria, concebendo projetos de carácter transdisciplinar. Numa sequência de inúmeras apresentações individuais e coletivas destacam-se: “Melancolia”, CAPC - Círculo de artes Plásticas de Coimbra (2006), “Faccia Lei”, Spazio Tetis, Arsenale, 52ª Bienal de Veneza (2007), “PUPPE PROJECT”, Galeria MAM – Mario Mauroner Contemporary Art, Viena (2010), no âmbito do Festival Art&Film, o projeto “There is no World when there is no mirror”, no Palácio Pombal, inserido no Festival Temps d’Images (2010) e produzido pela Fundação Calouste Gulbenkian, “A Culpa não é minha” – A Coleção António Cachola, MCB (2010) e “O museu em ruínas”, MACE, (2011). É atualmente Bolseira da FCT, encontrando-se a realizar Doutoramento na especialidade de Instalação-vídeo, em torno da Imagem e das artes performativas.

ANTHONY RAMOS (1944)

Anthony Ramos, artista de performance e multimédia, foi um dos primeiros “vídeo-artistas” a utilizar este meio como uma ferramenta para criticar o próprio contexto dos *mass media*, assim como para documentar os diversificados aspetos culturais da sociedade e para examinar aquilo que os *media* apresentam comumente como “verdade”. Nos seus poderosos, mas relativamente pouco vistos, trabalhos da década de 1970, Ramos procurou combinar arte e ativismo político, dando visibilidade aos indivíduos e comunidades mais marginalizadas. Nas suas primeiras peças de vídeo a preto-e-branco, Ramos envolve-se em performances para a câmara de uma frontalidade fortíssima, muitas vezes utilizando ações e a resistência física para comentar questões políticas.

A obra *About Media*, 1977, é uma desconstrução incisiva de notícias de televisão. Documenta uma entrevista que Ramos deu ao repórter Gabe Pressman sobre o tema dos dezoito meses de prisão a que o

artista foi condenado por causa de um protesto contra a Guerra do Vietname. Ramos apropria-se da entrevista contrastando a entrevista com filmagens não editadas e com o relatório final da notícia televisada, expondo o artifício da máquina da imprensa. Também explora filmagens dos seus desempenhos iniciais na performance, ações extraordinárias como enervantes, incluindo *Balloon Nose Blow-Up*, que se relaciona com a influência de Allan Kaprow, com quem estudou e trabalhou na Califórnia. (EAI)

BRUCE NAUMAN (1941)

Bruce Nauman é um dos nomes mais importantes e influentes da arte contemporânea. Os seus filmes seminais e películas dos anos 1960 e 1970 estão entre as contribuições mais inovadoras para a prática artística que lida com os novos meios audiovisuais. Nestes trabalhos conceptuais, Nauman utiliza o seu próprio corpo como objeto artístico, executando ações no espaço do seu estúdio. Explorando a fenomenologia do meio do vídeo e filme, incluindo o seu imediatismo, espaço e intimidade, os seus gestos gravados “em tempo real” exploram o próprio processo de fazer arte. O seu trabalho é reconhecido como um dos mais influentes e inovadores na arte contemporânea. (EAI)

BRUNO PACHECO (1974)

Vive e trabalha em Lisboa e Londres. Licenciatura em Pintura na Faculdade de Belas Artes de Lisboa, Bacharelato (1996-1999) e Mestrado em Belas-Artes (2003-2005) no Goldsmith College (Londres). Foi o vencedor da 8ª Edição do Prémio União Latina (2004). Das várias exposições individuais realizadas em Galerias e Instituições destacam-se Slow Motion Project, ESTGAD, Caldas da Rainha; Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa; Culturgest, Lisboa e Porto; Hollybush Gardens, Londres; Espaço Chiado 8, Lisboa e Casa das Histórias Paula Rêgo, Cascais. Participou na Sigma – Biennale Europea di Arti Visive, Centro d’Arte Moderna e Contemporanea della Spezia, La Spezia (2004) e na Beijing Biennale, National Art Museum of China, Pequim (2008). Está representado com obras nas coleções da Caixa Geral de Depósitos, CAM-FCG, António Cachola, PLMJ, entre outras.

CAROLEE SCHNEEMANN (1939)

O trabalho pioneiro de Carolee Schneemann varia entre diversas disciplinas, abrangendo pintura, performance, filme e vídeo. As suas investigações iniciais e visionárias das temáticas de género e sexualidade, identidade e subjetividade, bem como das tendências culturais da história da arte, lançaram bases para muito do trabalho das décadas de 1980 e 1990. A sua postura desafiante

relativamente a diversos assuntos tabu e certas tradições pode ser vista como inspiradora, influenciando artistas como Paul McCarthy, Valie Export, Guerrilla Girls, Tracy Emin ou Karen Finley. Muitas vezes descrita como artista de performance, Schneemann primeiro estudou pintura, formação que enformou o curso de toda a sua obra posterior. Esta particular influência pode ser vista na sua identificação como pintora e “formalista”, na sua atenção a figuras da história da arte, como Cézanne, e também na sua vontade de realizar marcas e pintar sobre a superfície/película de alguns dos seus filmes. No entanto, o efeito da sua primeira experiência com a pintura também foi reativo e negativo; Schneemann reconheceu, como uma mulher na década de 1960 trabalhando num meio dominado pelos homens, que "o pincel pertencia ao esforço expressionista-abstrato masculino. O pincel era fálico". Esta noção coincidiu com uma explosão de novas formas artísticas, e mesmo enquanto Schneemann não desistia da pintura, voltou a sua atenção para Nova Iorque, o centro vanguardista do cinema, da dança, do teatro e da performance. (EAI)

GARY HILL (1951)

Gary Hill é um dos mais importantes artistas contemporâneos que investigam as relações entre as palavras e as imagens eletrónicas. As suas investigações sobre a linguística e a consciência oferecem uma ressonante compreensão filosófica e poética, na maneira como explora as conjunções formais de elementos visuais e de áudio com o corpo e a consciência do “Eu”. Com rigor experimental, precisão concetual e saltos de descoberta imaginativos, o trabalho de vídeo de Hill é em si mesmo, e é acerca de uma nova forma de escrita. (EAI)

JEMIMA STEHLI (1961)

Os trabalhos fotográficos de Jemima Stehli são experiências performativas onde a artista se coloca tanto como sujeito e como objeto da imagem, e muitas vezes como ambos. Ao fazê-lo, explora a relação entre escultura, fotografia e performance, e sublinha as tensões existentes entre estes meios. Várias obras de Stehli incorporam imagens icónicas de outros artistas, que vão desde Helmut Newton a Allen Jones ou Larry Bell, investigando as tradições da história da arte e explorando uma relação contemporânea com estas. Muito do trabalho de Stehli é realizado no seu estúdio, colocando o corpo da artista em relação aos outros meios de produção. O uso do espelho é fundamental para muitas destas obras, registando a imagem da artista em confronto com o seu próprio reflexo. O interesse no reflexo e na imagem duplicada desenvolveu-se em obras onde outras pessoas são convidadas a desempenhar um papel no trabalho (Strip 1999-2000), por vezes até como colaboradores como na série realizada com o fotógrafo conceptual Jonh Hilliard entre 2001 e 2004.

JOÃO ONOFRE (1976)

João Onofre nasceu em Lisboa em 1976, onde vive e trabalha. Estudou na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa e concluiu o Mestrado em Belas Artes no Goldsmiths College, em Londres. Já expôs amplamente o seu trabalho individualmente em vários museus e galerias internacionais, a saber: João Onofre, I-20, em Nova Iorque (2001); João Onofre, PS1. / MoMA Contemporary Art Center, Nova Iorque (2002); Nothing Will Go Wrong, MNAC, Lisboa, e CGAC, Santiago de Compostela (2003); João Onofre, Kunsthalle Wien. Project Space Karlsplatz, Viena (2003); João Onofre, Magazin 4, Bregenz (2004); João Onofre, Toni Tàpies, Barcelona (2005); Cristina Guerra Contemporary Art, Lisboa (2007); João Onofre, Galleria Franco Noero, Turim (2007); Palais de Tóquio, Paris (2011). Onofre participou em inúmeras exposições coletivas internacionais, entre elas, mais notavelmente: Plateau of Humankind - *The 49th Venice Biennale*, Veneza; Human Interest no Philadelphia Museum of Art, Filadélfia; Performing Bodies, na Tate Modern, em Londres; Youth of Today, Schirn Kunsthalle, em Frankfurt, Video, An Art, A History 1965-2005 New Media Collection, Centro Georges Pompidou, Sydney - Museu de Arte Contemporânea, Barcelona-Fundació La Caixa, Museu de Belas Artes de Taipei. O seu trabalho está representado em coleções públicas e privadas em todo o mundo, tais como: Museu de Arte Contemporânea, de Chicago; Albright-Knox Gallery, Buffalo, Nova Iorque, Centre Georges Pompidou - MNAM / CCI, Paris; Fundação Weltkunst, Zurique, La Caixa, Barcelona; MACS - Museu de Serralves, Porto; CAM - Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa; MNAC - Museu do Chiado, em Lisboa; GAM - Galeria de Arte Moderna e contemporânea, Turim; Centro Nacional des Arts Plastiques, Ministério da Cultura, Paris.

JOÃO TABARRA (1966)

Vive e trabalha em Lisboa. Curso de Fotografia na Ar.Co. (Lisboa). Expõe com regularidade desde o início da década de 1990. Foi o representante português na 25ª edição da Bienal de São Paulo, em 2002. Das várias exposições que tem realizado em contexto galerístico e institucional destacam-se o Círculo de Artes Plásticas de Coimbra (CAPC), Galeria Cristina Guerra Contemporary Art, MNAC – Museu do Chiado (Lisboa), Museu de Serralves (Porto), ZDB (Lisboa), Galeria Graça Brandão (Lisboa), Centre d'Art Santa Mónica (Barcelona), Circullo de Bellas Artes (Madrid), entre outras. O seu trabalho está representado nas Coleções CAPC, FRAC – Rhône Alpes, Institut d'Art Contemporain, Museu de Serralves, MNAC – Museu do Chiado, entre outras. Em 2014 é apresentada no Centro de Arte Moderna (CAMJAP) uma exposição antológica do artista intitulada Narrativa Interior.

JOAN JONAS (1936)

Aclamada artista de performance e multimédia, Joan Jonas também é uma figura importante na videoarte. Dos seus seminais exercícios de performance da década de 1970 às suas posteriores narrativas televisivas, o esquivo retrato “teatralizado” que Jonas faz da identidade feminina é uma investigação original e intrigante. Formada em História da Arte e Escultura, Jonas era uma figura central no movimento da arte da performance de meados dos anos 1960. Em trabalhos que examinaram fenómenos espaciais e perceptivos, a artista fundiu elementos da dança, do teatro moderno, das convenções do teatro japonês Noh e Kabuki, e as artes visuais. Jonas começou a utilizar o vídeo a par da performance na obra *Organic Honey's Visual Telepathy* (1972), na qual uma câmara ao vivo e um monitor funcionavam tanto como espelho e como dispositivo de disfarce, um meio para transformar e estratificar “camadas” de imagem, de espaço e tempo. A investigação de Jonas em torno da subjetividade e da objetividade das coisas é articulada através de um idiossincrático vocabulário pessoal de gestos ritualizados e autoanalíticos. Muitas vezes atuando com máscaras, véus ou trajes/fantasia, Jonas utiliza o disfarce e a máscara como conceito para estudar a semiótica pessoal e cultural dos gestos e símbolos femininos. A utilização por camadas de espelhos assim como as imagens espelhadas é um dos seus mais poderosos dispositivos metafóricos. Entre as estratégias formais da assinatura de Jonas estão a manipulação do espaço teatral e do vídeo, o uso do desenho para adicionar uma textura e densidade ricas em conteúdo, e também objetos que transmitem significado enquanto ícones culturais, arquétipos e símbolos. (EAI)

JOHANNA BILLING (1973)

Johanna Billing nasceu em 1973, em Jönköping, Suécia. Estudou em Konstfack, Colégio Internacional das Artes, Artesanato e Design, em Estocolmo, onde tem vivido e trabalhado com cinema, vídeo e performance, desde que se graduou em 1999. Exposições individuais importantes e recentes incluem “I’m Gonna Live Anyhow until I Die”, The Mac, Belfast (2012), “I’m Lost without your Rhythm”, Modern Art Oxford, “Moving In, Five films”, Grazer Kunstverein, Graz, (2010), “Tiny Movements”, ACCA, Melbourne, “I’m Lost without your Rhythm”, Camden Art Centre (2009), “Taking Turns”, Kemper Museum, Kansas City, “This is How We Walk On The Moon”, Malmö Konsthall, Malmö (2008); “Forever Changes”, Museum für Gegenwartskunst, Basel e “Keep on Doing”, Dundee Contemporary Arts, Dundee (2007). Tem participado em mostras como a 4ª Trienal de Auckland, “Last ride in a hot balloon”, Auckland (2010), Documenta 12, Kassel (2007); Bienal de Singapura (2006), 9ª Bienal de Istambul; 1ª Bienal de Moscovo (2005) e 50ª Bienal de Veneza (2003). Johanna gere paralelamente também a produtora Make it Happen, com o seu irmão Anders, produzindo e organizando apresentações ao vivo.

JULIÃO SARMENTO (1948)

Julião Sarmiento vive e trabalha no Estoril. Com mais de quarenta anos de carreira, pode ser considerado como um dos mais internacionais artistas portugueses. De 1967-1970, estudou pintura e arquitetura na Escola Superior de Belas Artes, em Lisboa, onde também concluiu o seu Mestrado em 1976. Começou por expor filme, vídeo, obras sonoras, pintura, escultura, instalação e multimédia na década de setenta, mas também desenvolveu vários projetos *site-specific* significativos. Desde o ano de 1979 que Sarmiento tem vindo a apresentar extensivamente a sua obra em todo o mundo. Foi incluído em duas Documentas (1982 e 1987) e representou Portugal em duas Bienais de Veneza. A sua obra está representada em coleções públicas e privadas em todo o mundo, tais como: o Museu Hirshhorn and Sculpture Garden, Washington DC, o Museu de Arte Moderna de São Francisco, o Museu Solomon R. Guggenheim, em Nova Iorque, o Museu de Arte Moderna de Nova Iorque, o Musée National d'Art Moderne Centre Georges Pompidou, Paris, o Stedelijk Van Abbemuseum, Eindhoven, Holanda, o Museu Hara de Arte Contemporânea de Tóquio, no Japão, ou o Museo de Arte Carrillo Gil, Cidade do México, México. Em 2012/2013, Julião Sarmiento realizou uma extensa exposição retrospectiva intitulada Noites Brancas, no Museu de Arte Contemporânea de Serralves, no Porto, Portugal.

MARINA ABRAMOVIC (1946)

Marina Abramovic vive e trabalha em Nova Iorque.

Desde o início da sua carreira nos anos 1970, enquanto frequentava a Academia de Belas Artes de Belgrado, foi pioneira no uso da performance como uma forma de arte visual/plástica. O corpo foi tanto o seu assunto como o seu meio. Explorando os limites físicos e mentais do seu Ser, Abramovic tem resistido à dor, ao cansaço e ao perigo, na busca da transformação emocional e espiritual. Enquanto membro vital da geração de artistas pioneiros da *performance*, onde se incluem Bruce Nauman, Vito Acconci e Chris Burden, Marina Abramovic criou algumas das mais históricas e iniciais peças performativas e continua a fazer obras importantes em torno da duração e do tempo. Abramovic apresentou o seu trabalho em performance, som, fotografia, vídeo e escultura em exposições individuais em importantes instituições na Europa e os EUA. O seu trabalho também tem sido incluído em várias exposições internacionais de grande escala, incluindo a Bienal de Veneza (1976 e 1997) e a Documenta VI, VII e IX, Kassel, Alemanha (1977, 1982 e 1992). Abramovic tem lecionado extensivamente na Europa e América. Foi premiada com o Leão de Ouro de Melhor Artista na Bienal de Veneza de 1997, pela sua extraordinária obra de vídeo-instalação/performance, *Balkan Baroque* e, em 2003, recebeu o prêmio New Media Bessie pelo trabalho *The House with the Ocean View*, uma performance de 12 dias na Galeria Sean Kelly. Em 2005, Abramovic apresentou *Balkan Erotic Epic* na

Fundação Pirelli em Milão, Itália e na Galeria Sean Kelly, em Nova Iorque. Nesse mesmo ano, realizou uma série de apresentações intitulada *Seven Easy Pieces* no Museu Solomon R. Guggenheim em Nova Iorque. Foi homenageada por este trabalho pelo Museu Guggenheim na Gala Internacional em 2006, e pela AICA - EUA, que a premiou como a Melhor Exposição de Time Based Art, em 2007. Abramovic está atualmente a desenvolver o Instituto Marina Abramovic (MAI) em Hudson, Nova Iorque, um centro de performance e educação interdisciplinar dedicado à apresentação e preservação de trabalho em performance de longa duração, assim como a promoção da colaboração entre arte, ciência, tecnologia e espiritualidade.

MERCE CUNNINGHAM (1919-2009)

Merce Cunningham é uma figura seminal da vanguarda do século XX. O coreógrafo americano explorou os limites da dança durante mais de setenta anos. Emergindo do e repensando algumas das tradições do teatro, mas também do ballet clássico e da dança moderna, Cunningham re-articula radicalmente a semiótica do corpo dançante e cria uma linguagem distinta que lhe sobreviveu. Ao longo da sua longa carreira, Merce Cunningham colaborou com uma série de cineastas e artistas que trabalham o vídeo, incluindo Charles Atlas, numa série de peças de dança pioneiras criadas especificamente para a câmara. (EAI)

MÓNICA DE MIRANDA

Vive entre Lisboa e Londres. É artista, educadora, produtora e investigadora. Tem o Mestrado em Arte e Educação pelo Institute of Education, Londres e a pós-graduação em Arte Terapêutica pela Central School of Speech and Drama. Atualmente está a desenvolver o doutoramento na Universidade de Middlesex, em Londres, com o apoio da Fundação para Ciência e Tecnologia. É uma das fundadoras do projeto artístico de residências da rede da Triangle Network em Portugal. Expõe regular e internacionalmente desde 2004. Das suas exposições destacam-se: *Once upon a Time* (Carpe Diem-Arte e Pesquisa, Lisboa, 2013), *An Ocean between us* (Plataforma Revólver, 2012, Lisboa), *Arquivos Secretos* (AFL, Lisboa, 2013), *L'art de exporte* (Musée Calais, Calais, 2011), *Underconstruction* (Museu da Cidade, Lisboa, 2011), *This Location* (Mojo Galeria, Dubai, 2010), *Verbal Eyes*, (Tate, Trienal da Grã-Bretanha, Londres, 2009), *London Caravan* (Iniva, Londres, 2008), *United Nations* (Singapura Fringe Festival, Singapura, 2007), *Sintonia* (Arquivo, Rio de Janeiro, 2007).

NUNO SOUSA VIEIRA (1971)

Licenciado em Artes Plásticas pela ESTGAD, Caldas da Rainha, Mestrado em Pintura pela FBAUL, onde se encontra a realizar Doutoramento. Vive e trabalha entre Leiria e Lisboa. Tendo iniciado a sua

atividade expositiva na primeira metade da década atual, destacam-se as seguintes exposições individuais: Vison Oublier L'Attente, Galerie Emmanuel Hervé, Paris, 2013, Sala de Exposição, Galeria Graça Brandão e Casa Museu Anastácio Gonçalves, Lisboa, 2013, *Uma Ateliê, uma Fábrica e uma Sala de Exposição nem sempre por esta ordem*. Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, 2013, Two together, Pinta London, 2012, Wall Stop For This, Appleton Square, Lisboa, Somos nós que mudamos quando tomamos efetivamente conhecimento do outro, Museu da Cidade, Lisboa, 2011, Haben Gegenstände ein Gedächtnis?, Hans Mayer Gallery, Dusseldorf, 2010, Chão Morto, Carpe Diem, Lisboa 2009; To Draw An Escape Plan, Galeria Graça Brandão, Lisboa, 2009; Redesenhar, Empty Cube, Lisboa, 2008; SP(H)É(I), Galeria Graça Brandão, Porto, 2006; 1 Hour Later e Impossible Rectilinear Space (m/m# 1/6), CAV, Coimbra (2005). Paralelamente à sua carreira artística, Sousa Vieira tem vindo também a desenvolver uma atividade ligada à docência no IPT, Tomar e na FBAUL, Lisboa.

VASCO ARAÚJO (1975)

Vive e trabalha em Lisboa. Licenciatura em Escultura pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (1994-99). Curso Avançado em Artes Plásticas da Maumaus, Escola de Artes Plásticas e Fotografia (1999-2000). Vencedor do Prémio EDP Novos Artistas (2003). Residências artísticas na University of Arts (2007), em Filadélfia, no Baltic Center for Contemporary Art (2007), em Gateshead, Récollets (2005), em Paris e no Core Program (2003-04), em Houston. Participou na 13ª Bienal de Sidney (2002), 51ª Bienal de Veneza (2005), 1ª Bienal de Moscovo (2005) e 28ª Bienal de S.Paulo (2008). O seu trabalho tem sido mostrado em Instituições como CAM-FCG, Lisboa, MARCO, Vigo, Jeu de Paume, Paris, Museu de Serralves, Porto, S.M.A.K, Gent, entre outras. Está ainda representado nas colecções Centre Pompidou, Musée d'Art Moderne, CAM-FCG, Fundación Centro Ordóñez-Falcón de Fotografia – COFF, Museo Reina Sofia, Fundação de Serralves, Museum of Fine Arts Houston, entre outras.

VERA MANTERO (1966)

Estudou dança clássica com Anna Mascolo e integrou o Ballet Gulbenkian entre 1984 e 1989. Iniciou a sua carreira coreográfica em 1987 e desde 1991 tem exibido o seu trabalho por toda a Europa, Argentina, Brasil, Canada, Correia do Sul, EUA e Singapura. Dos seus trabalhos destacam-se os solos “Talvez ela pudesse dançar primeiro e pensar depois” (1991), “Olympia” (1993) e “Uma misteriosa Coisa, disse o e.e.cummings*” (1996), assim como as peças de grupo “Sob” (1993), “Poesia e Selvajaria” (1998), “Até que Deus é destruído pelo extremo exercício da beleza” (2006) e “Vamos sentir falta de tudo aquilo de que não precisamos” (2009). Participa regularmente em projetos internacionais de improvisação ao lado de improvisadores e coreógrafos como Meg Stuart, Steve Paxton e Mark Tompkins. Representou Portugal na 26ª Bienal de São Paulo 2004 com o trabalho “Comer o Coração”,

criado em parceria com o escultor Rui Chafes. No ano de 2002 foi-lhe atribuído o Prémio Almada (IPAE/Ministério da Cultura Português) e no ano 2009 o Prémio Gulbenkian Arte pela sua carreira como criadora e intérprete.

VITO ACCONCI (1940)

As práticas influentes, provocativas e muitas vezes radicais de Vito Acconci evoluíram da escrita através da arte conceptual, *bodyworks*, performance, filme, vídeo, instalação multimédia, escultura, design e arquitetura. Na década de 1970, Acconci produziu um corpo notável de obras conceptuais e *performance based* em vídeo e filme, nas quais se foca num diálogo psicodramático intenso entre o artista e espectador, corpo e o “Eu”, público e privado, sujeito e objeto. (EAI)

Breve Nota Biográfica da Equipa Curatorial

ANA RITO

Desenvolve a sua atividade entre a prática artística, a investigação e a curadoria, concebendo projetos de carácter transdisciplinar. Numa sequência de inúmeras apresentações individuais e coletivas destacam-se: “Faccia Lei”, Spazio Tetis, Arsenale, 52ª Bienal de Veneza (2007), “PUPPE PROJECT”, Galeria MAM – Mario Mauroner Contemporary Art, Viena (2010), no âmbito do Festival Art&Film e o projeto “There is no World when there is no mirror”, no Palácio Pombal, inserido no Festival Temps d’Images (2010) e produzido pela Fundação Calouste Gulbenkian. É atualmente Bolseira da FCT, encontrando-se a realizar Doutoramento na especialidade de Instalação-vídeo, em torno da Imagem e das artes performativas.

JACINTO LAGEIRA

Enquanto Professor Catedrático, Paris 1 Panthéon Sorbonne, Docente (Prof. Associado) no Curso de Doutoramento de Arte Contemporânea e no Curso de Mestrado de Estudos Curatoriais, Colégio das Artes em Coimbra, Investigador do Institut ACTE (Art/Création/Théorie/Esthétique) e crítico de arte, tem vindo a desenvolver a sua atividade em torno da teorização da problemática da *Imagem* e do *Corpo*, mais especificamente, na criação transdisciplinar, e nas especialidades de Instalação, Vídeo e Performance, num intenso processo dialogante entre linguagens artísticas diferentes. Publicou também diversos ensaios acerca do trabalho de artistas visuais de significativo alcance histórico dos quais se destacam Pablo Picasso, Henri Matisse, Gary Hill, James Coleman, Joseph Kosuth ou Antony McCall.

HUGO BARATA

Hugo Barata é artista visual e curador independente. Expõe o seu trabalho desde o início dos anos dois mil, tendo realizado e participado em diversas exposições individuais e coletivas. Está presente em coleções particulares e públicas. O seu trabalho consiste em desenho, colagem, instalação, vídeo, filme, e pintura. Dos últimos projetos enquanto artista destacam-se “The Age of Divinity”, Plataforma Revólver, Lisboa, 2013, “Never Mind the Space Between Us”, Beijing-Rio de Janeiro-Lisboa, 2013. Dos últimos projetos enquanto curador independente destacam-se “OBSERVADORES: Revelações, Trânsitos e Distâncias”, Museu Coleção Berardo, CCB, Lisboa, 2011, “Sucking Reality”, BesArte&Finança, 2012, “Curating the domestic – images at home”, Projeto Associado da Trienal de Arquitetura de Lisboa, 2013.

Agradecimentos:

Lori Zippay (Electronic Arts Intermix), Nick Lesley, Dr. António Cachola, António Câmara Manuel, Maria José Peyroteo, Paulo Henriques, Dr. Pedro Lapa e Dr. Pedro Bernardes - Museu Coleção Berardo (FAMC-MCB), Isabel Alves, Dr^a Rita Lougares, Ana Cristina Guerra e Galeria Cristina Guerra Contemporary Art, Galeria Graça Brandão, Galeria IN SITU – Paris/ Fabienne Leclerc, O Rumor do Fumo, Dr^a Isabel Sabino, Dr. Carlos Vidal, Julião Sarmento, Marina Abramovic, Gary Hill, João Onofre, João Tabarra, Johanna Billing, Vera Mantero, Nuno Sousa Vieira, Alexandre Coelho e a todos os restantes artistas.

Ficha técnica da exposição:

Comissariado | Ana Rito & Jacinto Lageira

Curador Associado | Hugo Barata

Texto | Ana Rito & Jacinto Lageira

Produção | Emília Tavares e Ana Fryxell

Apoio técnico e montagem | Alexandre Coelho e António Rasteiro

Comunicação e Edição | Anabela Carvalho

A VISÃO INCORPORADA

performance para a câmara

Exposição Internacional de Vídeo

MNAC

Curadoria: Ana Rito & Jacinto Lageira Curador Associado: Hugo Barata

Horário:

Terça a Domingo das 10h – 18h

Entrada Gratuita

Sala Polivalente e Hall

Contactos e Informações:

Anabela Carvalho – Comunicação e Edição

anabelacarvalho@mnac.dgpc.pt

Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado

Rua Serpa Pinto 4, 1200-444 Lisboa PORTUGAL

Telefone : +351 21 343 21 48

Página inicial: **Merce Cunningham e Charles Atlas**, Merce by Merce by Paik: Part One: Blue Studio, 1975-76, video, cor, som, 15'38". Cortesia de Electronic Arts Intermix, New York.



PATRIMÓNIO CULTURAL
Direção-Geral do Património Cultural

**MUSEU NACIONAL
DE ARTE CONTEMPORÂNEA
DO CHIADO**

Mecenas principais | Corporate Sponsors



Co-produção | Co-production



Apoio | Support



Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado
Rua Serpa Pinto, 4 - 1200-444 Lisboa, Portugal + 351 21 343 21 48 I museuchiado@mnac.dgpc.pt
<http://www.museuartecontemporanea.pt/pt/>